



STRESS INFANTIL E OS REFLEXOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Aline de Souza Bezerra; Dyane Ferreira Ribeiro; Livânia Beltrão Tavares

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
aline_bzr@hotmail.com

O presente trabalho teve como finalidade promover uma reflexão acerca de como as emoções afetam o aprendizado das crianças. Essa reflexão advém do reconhecimento das mudanças comportamentais, nos aspectos cognitivos e emocionais, acarretadas pelo chamado stress infantil. Nesse contexto, buscou-se informações sobre as possíveis causas do stress nas crianças e ainda, as consequências que esse grande vilão pode causar no aprendizado e na vida social. Foi enfatizada a necessidade de observação dos pais, professores e responsáveis no comportamento emocional da criança, levando em consideração todas as suas atitudes. Vale ressaltar a importância de pais e escola caminharem juntos na formação de cidadãos, tendo em vista que a sociedade tem grande influência sobre a vida das crianças e os filhos são espelhos dos pais. Portanto, os pais devem sempre estar em alerta quanto ao seu comportamento diante dos filhos. A escolha do tema foi feita a partir de observações de como as crianças absorvem o que está em sua volta e como essa absorção interfere no comportamento e na aprendizagem. Sabe-se que como consequência da globalização, a sociedade atual é extremamente agitada e competitiva, e isso tem envolvido a todos, sem exceção, hoje as pessoas estão sempre ocupadas, e o tempo livre é dedicado para colocar as coisas “em ordem” e descansar. Entretanto, as crianças são seres que carecem de cuidado e atenção constantes. Devido à correria do dia a dia, os pais buscam preencher o tempo em que eles não podem estar presentes com uma sobrecarga de atividades, responsabilidades e exigências extraclasse, o que desencadeia o stress nos pequenos. Outro fator determinante para incitar o stress infantil é o fator emocional: brigas entre os pais, separação, perda de um parente próximo, mudanças bruscas, rejeição por parte dos colegas, dentre outros. Uma criança estressada poderá ser um adulto problemático. Os pais e professores têm uma responsabilidade importantíssima na formação das funções físicas, psíquicas e sociais da criança.

Palavras chave: Stress Infantil, Aprendizagem, Alfabetização



O objetivo geral da presente pesquisa foi analisar a relação entre stress infantil e a aprendizagem no primeiro ano do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos foram identificar as causas do stress infantil relacionadas ao processo de alfabetização; apontar possíveis fatores estressores na criança durante esse processo e analisar a percepção da professora ante seus alunos.

É importante destacar que neste processo, as crianças se veem, muitas vezes, em uma fase muito exigente e cheia de mudanças, em que as brincadeiras diminuem, as atividades e as cobranças aumentam, o que passa a gerar nos alunos certa resistência à aprendizagem. Assim, faz-se pertinente salientar que ao ingressarem no ensino fundamental, os alunos não deixam de ser crianças; eles continuam sendo seres que carecem de cuidado e atenção.

A mudança brusca do processo de transição de educação infantil para o ensino fundamental pode desencadear sentimentos de medo e insegurança diante da realidade, o que influencia o surgimento do stress infantil. Ainda, sobrecarga de atividades, responsabilidades e exigências extraclasse, reclamações dos adultos, o receio de não aprender a ler, a frustração de não conseguir terminar uma atividade em tempo hábil, são fatores, que quando acumulados, tornam-se estressantes e podem gerar desestímulo, bloqueio e até mesmo adoecimento.

A partir de um estudo nessa linha, profissionais da educação, pais ou responsáveis poderão contribuir para um bom desempenho das crianças no processo de aprendizagem, transmitindo-lhes segurança e estimulando-as. Nesse cenário, será demonstrado que através de atividades lúdicas, os alunos continuam se sentindo crianças e ainda podem ser trabalhados em seus aspectos motores e cognitivos. Dessa forma, facilita-se a inserção dos pequenos em diversas práticas sociais de leitura e escrita. Além disso, as crianças são apresentadas a um mundo novo, instigante e cheio de descobertas.

Vale acentuar que o stress é muito estudado por médicos e psicólogos, entretanto, existem poucos estudos relacionados à pedagogia, devido a essa escassez, muitas vezes o professor não sabe como agir diante de determinada situação ou não percebe que ele mesmo pode ser um fator causador de stress no aluno. Uma criança estressada poderá ser um adulto problemático, ademais, os traumas de infância podem persegui-lo por um bom tempo ou por toda a vida. Face o exposto, o presente estudo justifica-se pela preocupação mediante as consequências do stress infantil.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter descritivo e analítico, tendo como amostra crianças e professora de uma sala de aula com 24 alunos de uma turma de primeiro ano do ensino fundamental da cidade de Campina Grande.

Como instrumento de coleta de dados foram utilizadas entrevistas com os alunos e com a professora, verificando a forma como os alunos encaram a mudança da educação infantil para o ensino fundamental, quais seus principais temores, como a professora reage às atitudes das crianças e o que ela faz para ajudar na adaptação da nova fase de suas vidas.

A entrevista constitui um instrumento eficaz na recolha de dados fidedignos para a elaboração de uma pesquisa, desde que seja bem elaborada, bem realizada, bem interpretada. Para tanto, faz-se necessário definir os objetivos e os tipos de entrevista e como deve ser planejada e executada. (ANDRADE, 2010, p. 131)

Para realização dessa investigação foi feita primeiramente uma pesquisa bibliográfica por meio de livros, servindo como instrumento facilitador para melhor entendimento sobre o estudo. Em seguida, foi desenvolvida a pesquisa de campo, local em que se realizou a coleta de dados, tornando prática a parte bibliográfica da pesquisa. A análise foi feita a partir dos dados coletados, de forma qualitativa, por meio da discussão dos dados.

Durante o período de observação dos fatos, pôde-se acompanhar de perto a realidade, onde foi constatado, através das oportunidades cedidas para a realização dessa pesquisa, quão grande e árdua é a responsabilidade do professor alfabetizador.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ser humano nasce para aprender, precisando de estímulos para que tal ato aconteça. Desde cedo, ainda que de maneira involuntária e como meio de sobrevivência estamos aprendendo. Aprender é um ato difícil, nossa capacidade de aprender está diretamente relacionada à existência de problemas que vão surgindo, nos deixando inseguros e amedrontados. Tais problemas nos levam a buscar métodos de resolução que se dão através de processos de aprendizagem. Fatores externos interagem com fatores internos se desenvolvendo de diversas formas e envolvendo causas variadas, dentre estas, causas emocionais, neurológicas ou sociais.

Existem aprendizados que podem ser considerados natos, como os atos de falar e de andar. Na maioria dos casos, a aprendizagem se dá através do convívio social, quando o indivíduo absorve aquilo que aos seus olhos possui importância. O ser humano vive em constante mudança, sua capacidade de aprendizagem é ilimitada e essa aprendizagem vai além da capacidade de pensar. Nesse contexto, dispõe Ciasca (2003, p. 237):

[...] pode – se definir mais claramente a “aprendizagem” como um processo evolutivo constante, que implica em uma consequência de modificações observáveis e reais no comportamento do indivíduo de forma global (físico e biológico) e do meio que o rodeia (atuante e atuado).

Como sabemos, para que a aprendizagem seja significativa, é necessário que haja estímulo nos diferentes ambientes que a criança esteja inserida. A escola, como ambiente facilitador da aprendizagem deve proporcionar aos educandos saberes sistemáticos, lhes dando acesso a conhecimentos científicos que os auxiliem na construção da vivência em sociedade.

Nesse cenário, o professor, como principal mediador, exerce papel fundamental no processo de ensino aprendizagem, devendo transmitir segurança aos seus alunos, demonstrando que sempre está disposto a ajudar e promovendo a inclusão a partir de ensinamentos de convivência com a heterogeneidade e diversidade. O educador deve ser consciente de que a aprendizagem acontece de maneira mútua e constante, desta forma, ele também está aprendendo. Acerca do papel do educador e dos ideais de inclusão, segue ensinamento de Bock, Furtado, Teixeira (2008, p.143):

O aluno jamais pode ser visto como alguém que não aprende, possuidor de algo interno que lhe dificulta a aprendizagem [...]. Todos são responsáveis no processo. Não há aprendizagem que não gere desenvolvimento; não há desenvolvimento que prescindia da aprendizagem. Aprender é estar com o outro que é mediador da cultura.



O desafio é para todos; a escola é um lugar privilegiado para a estimulação e construção de conhecimentos, mas como sabemos a criança não chega à escola sem saber de nada e a construção de seus conhecimentos não se restringe apenas a instituição escolar.

É indubitável que as crianças possuem papel ativo na sociedade em que estão inseridas, mas é a partir da interação com o meio, que se dá o processo da construção social e formação da personalidade, através de conflitos de expulsão e incorporação do outro que auxiliam o processo de identidade, a formação do eu. A partir do momento em que nasce, o bebê estabelece relação com o meio, com o decorrer do tempo suas reações, emoções e desejos passam a ser manifestações reais de sua vida afetiva moldando o seu “eu”.

Como vem sendo relatado, as crianças não chegam à escola sem nenhum tipo de conhecimento, elas trazem consigo informações adquiridas no convívio social. Professor, escola e família são fundamentais para o desenvolvimento psíquico dos alunos.

Ao longo do desenvolvimento das crianças a linguagem vai passando por mudanças, sua relação com o meio torna-se mais variada devido às multiformes formas de comunicação que adquirem. Consequentemente as habilidades vão sendo melhoradas. Segundo Ferreiro (1996, p.24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.” Como seres ativos na sociedade, as crianças são questionadoras, curiosas e reprodutoras do ambiente em que vivem. Daí a necessidade de imitar ações por ela vivenciadas, a escrita é uma delas.

A princípio a escrita não passa de uma atividade motora, os rabiscos transformam-se em desenhos, letras e números variando de acordo com a imaginação de cada uma. Ao chegarem ao processo de alfabetização o rabisco, a letra, o número e o desenho ganham significações diferentes dependendo da necessidade que a criança sente da escrita e da maneira como a mesma é estimulada.

Não existe uma fórmula pronta para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita porque os fatores que influenciam neste processo são variáveis. O que existe são fatores determinantes para auxiliar de maneira positiva. Nesse contexto, se faz necessário que se reconheça a importância dos conhecimentos adquiridos fora do ambiente escolar. Assim, os conhecimentos denominados “de mundo”, os conhecimentos do meio social e os que serão adquiridos na escola, caminharão sempre juntos, ainda que exista divergências entre eles.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Considerando a autonomia da professora, pudemos observar critérios que contribuem para o resultado positivo do seu trabalho: a rotina em sala de aula, estratégias de ensino, valorização dos alunos, valorização dos seus conhecimentos prévios, interação com a turma, interação entre os alunos, relação afetiva entre professor e alunos, e ainda, o investimento na cidadania e construção de valores através de brincadeiras, práticas interativas ou conversa informal.

Com base na realidade existente entre a relação professor x aluno, foi desenvolvida uma entrevista com os educandos, no intuito de saber o que os mesmos achavam da relação com a professora.

Segue conteúdo das perguntas: Quais as atitudes da professora que os alunos mais gostam? O que eles não gostam? Quando os alunos erravam, como a professora reagia? Logo após as



perguntas, pôde-se constatar que os alunos, de maneira geral, sentem segurança com a professora, esta tem atitude sempre disponível e é tão cheia de paciência que torna os pequenos cidadãos cheios de boas expectativas quanto a essa fase tão difícil que é a alfabetização, fazendo-os capazes de não perceber que saíram da educação infantil, já que tudo ainda é muito lúdico e divertido, como de fato deve ser.

A ludicidade em uma fase tão desafiadora não deve ser vista apenas como um passatempo ou diversão. O lúdico deve ser encarado como instrumento facilitador de aprendizagem, auxiliador nos processos cognitivos, sociais, o que tem influência na saúde mental e construção de conhecimento.

Obteve-se variadas informações sobre o papel do professor em sala de aula, como a relação professor e aluno interfere no processo de aprendizagem e quão importante é o papel dos pais nesse processo de mudança.

Nesta pesquisa específica não foram encontrados sintomas de stress nos alunos, possivelmente devido à excelente atuação da professora em sala de aula. Esta, como peça chave nesse processo, investe em seus alunos com práticas eficientes, e vem obtendo o resultado desejado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto no decorrer da presente pesquisa, fatores como cobrança excessiva, problemas financeiros, separação dos pais e nascimento de um irmão são algumas das causas que podem provocar o stress. Nesse cenário, é importante que os adultos busquem abordar certos assuntos com os pequenos da forma menos impactante possível.

Estudiosos da área temem que crianças estressadas tornem-se adultos inseguros, caso não exista um tratamento adequado para esse mal. O acúmulo de emoções não controladas tais como: ansiedade, depressão e pensamentos neuróticos, com o passar do tempo tornam-se agressores que podem prejudicar a vida da pessoa acometida por esses males em diversas áreas.

Se não for tratada de maneira coerente, a transição da educação infantil para o ensino fundamental pode ser vista como um fator desencadeador de stress. Toda mudança vem acompanhada de algum impacto, nesse caso não é diferente, visto que muitas escolas encaram o processo de alfabetização além do que de fato deve ser.

Exigências que ultrapassam os limites por meio de pressões exorbitantes sobre o aprender a ler e escrever substituem dinâmicas escolares e tiram a leveza de uma sala de aula infantil. Os livros, as cartilhas e as caligrafias substituem o brincar e a forma lúdica de aprender.

Sobre o “mundo das letras”, vale destacar que desde muito cedo os pequenos percebem a leitura. Esta começa ainda na educação infantil quando os números e letras passam a fazer parte do cotidiano das crianças. Ainda antes de adentrarem no ambiente escolar, as crianças são capazes de perceber “as letras” como parte do cotidiano. Através da observação, já concluem que um jornal é um meio transmissor de conhecimento. A partir dessas vivências, a leitura deve ir sendo estruturada na criança, de acordo com a realidade em que vive.

No que diz respeito a essa pesquisa específica, considerando nossas primeiras vivências profissionais em uma sala de primeiro ano, pudemos observar que a formação acadêmica e



sensibilidade por parte do professor são diferenciais no processo de aprendizagem. O professor deve estar sempre buscando melhorias em sua prática e acompanhando os avanços da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalho na graduação. 10. Ed. São Paulo. Editora Atlas, 2010

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CIASCA, Sylvia. **Distúrbio de Aprendizagem**: proposta de avaliação interdisciplinar. Casa do Psicólogo, 2003

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia**, editora Paz e Terra, 28ª Edição, 2003.

SARMENTO, Manuel J. Imaginário e culturas da infância. In: **Projeto as marcas dos tempos**: a interculturalidade nas culturas da infância. Projeto POCTI/49186/2002. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.>. Acesso em 14/10/2015 .

TACCA, M. C. V. R. **Relações sociais na escola e desenvolvimento da subjetividade**. In: MALUF, M. I. et al. (Org.). **Aprendizagem**: tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2006.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB



